

## As implicações do uso da fotografia para refletir sobre questões de cidadania<sup>1</sup>

Denise Teresinha da SILVA<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

### Resumo

A imagem fotográfica propicia refletir sobre a realidade em que nos inserimos enquanto sujeitos questionadores dos padrões aceitos socialmente como apropriados, deixando à margem da sociedade quem não se enquadra nestas regras pré-estabelecidas. Neste texto serão apresentados dois trabalhos realizados a partir de produções fotográficas do Núcleo de Estudos e Produção em Fotografia da Unipampa – NEPFOTU que integra atividades de pesquisa, ensino e extensão. Eles servirão como base para reflexões sobre o tema mencionado. O primeiro “Um convite às cores da imaginação” retratou oito pessoas com deficiência que frequentam à APAE e o segundo “Padrões não representam: identidade sexual não tem cara” que fez um ensaio com jovens de diferentes orientações sexuais para romper com as rotulagens de gênero. Nestas ações, a fotografia permitiu refletir sobre as coisas da vida de forma mais lúdica.

**Palavras-chave:** fotografia; cidadania; diversidade; pessoas com deficiência; gênero.

### As implicações do uso da fotografia

Pensando em promover uma ruptura com padrões sociais pré-estabelecidos, propiciando a criação de um olhar heterodoxo, este artigo visa refletir sobre comunicação e cidadania a partir de duas ações de extensão. Elas estão vinculadas ao projeto do Núcleo de Estudos e Produção em Fotografia da Unipampa – NEPFOTU que integra pesquisa, ensino e extensão. Este núcleo se preocupa com a fotografia enquanto dispositivo midiático capaz de rememorar aspectos históricos, sociais, familiares e culturais de uma determinada população. Neste sentido, pretende aprofundar o estudo sobre a fotografia nos diversos campos tanto teóricos quanto técnicos e realizar produções experimentais, que acontecem em dois ambientes, um interno, o estúdio de fotografia, e um externo, registro do cotidiano das pessoas e lugares. O primeiro é mais voltado ao aperfeiçoamento profissional de estudantes. Já o segundo, visa à realização de práticas fotográficas que sirvam como práxis profissional e instrumento de reflexão sociocultural da realidade de grupos específicos da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação, Professora Associada da Universidade Federal do Pampa – Unipampa Campus São Borja, vice-coordenadora do GP Comunicação para a Cidadania da Intercom, coordenadora do Núcleo de Estudos e Produção em Fotografia da Unipampa – NEPFOTU e líder do Grupo de Pesquisa Fos, email: denise\_dts@yahoo.com.br.

sociedade e de lugares, com a finalidade de promoção da cidadania através do olhar sobre o próprio mundo, despertando uma consciência crítica sobre o seu entorno. Em suma, a extensão se refere ao aperfeiçoamento e às práticas profissionais de fotografia e integração com a comunidade.

O ato fotográfico desvenda um cenário de um mundo comum composto pela polifonia de possibilidades estéticas. O uso da fotografia traz importantes desafios epistemológicos e metodológicos a serem superados. Ela acaba trazendo à tona paradoxos em qualquer área que seja examinada. Neste contexto é imprescindível estudar fotografia dentro do contexto sociocultural, histórico e tecnológico, por isso, o núcleo procura atuar em dois momentos: formação e envolvimento comunitário. O primeiro aprofundando estudos nas técnicas fotográficas, incluindo componentes curriculares<sup>3</sup>, e o segundo na multiplicação do uso da fotografia a partir de objetivos distintos, quer sobre o uso e manejo dos instrumentos, quer na utilização de sua prática como um instrumento de modificação do olhar sobre si mesmo/a e o cotidiano. A fotografia é vista a partir de um aspecto antropológico para se tornar instrumento de autoconhecimento e promoção da cidadania ao ser testemunha do fato, e sociológico ao despertar a afetividade das pessoas envolvidas e ao promover laços numa coletividade através do compartilhamento de imagens, e técnico ao propiciar ao corpo discente um aprofundamento dos conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Os projetos vinculados ao NEPFOTU procuram relacionar as atividades de oficinas, palestras, exposições e encontros temáticos dentro de um núcleo de estudos sobre fotografia. Este núcleo, além de procurar proporcionar um espaço para que o corpo discente aprofunde seus conhecimentos, aproxima pessoas da comunidade com ações específicas. Também permite o registro de atividades de compreensão do cotidiano, aumento da autoestima e promoção da cidadania, produzindo material para o GP Fos.

Pretendemos contribuir para uma formação acadêmica ética e reflexiva e excelência acadêmica, constituindo um grupo sólido vinculando ensino, pesquisa e extensão; para o desenvolvimento da ciência e da difusão da cultura local visando o desenvolvimento

---

<sup>3</sup> Neste primeiro semestre (2016/1) esta atividade de ensino foi desenvolvida através de uma prática integrada com outros componentes curriculares do terceiro semestre do referido curso de graduação: Introdução à Fotografia (Profª. Dra. Denise Silva), Redação Publicitária: Impresso e Rádio (Profª. Ma. Denise Lima), Atendimento e Planejamento Publicitário (Profª. Dra. Renata Coutinho), Produção Eletrônica em Áudio Publicitário (Profª. Dra. Sara Feitosa), Direção de Arte I (Prof. Me. Mauricio Lavarda). O objetivo foi criar uma campanha para o Asilo São Vicente de Paula da cidade de São Borja a fim de aumentar o número de doações, principalmente de empresas, informando também sobre a legislação que possibilita descontos no imposto de renda devido.

regional, para a criação de um grupo extensionista que viabilize a realização dos estudos propostos e à integração com a sociedade em que está inserido.

Portanto, o objetivo principal do núcleo é aprofundar o conhecimento técnico-científico sobre fotografia, com vista a uma melhor formação do corpo discente, assim como a realização de práticas fotográficas que sirvam como instrumento de reflexão a partir de uma perspectiva sociocultural sobre a realidade de grupos específicos da sociedade sob o viés da cidadania. Para isso, também buscamos mapear técnicas fotográficas que serão produzidas, experimentar as técnicas selecionadas através da realização de produção fotográfica em estúdio e em ambientes externos, refletir sobre o papel da fotografia como lugar de construção da memória, registrar o cotidiano, proporcionar a reflexão de sujeitos sobre as suas ações com uma abordagem mais lúdica através da fotografia, possibilitar o autoconhecimento, o aumento da autoestima, através da imagem fotográfica para uma reflexão sobre o cotidiano e promoção da cidadania.

O trabalho é realizado em quatro momentos: (1): Aprofundamento de estudo teórico e técnico sobre fotografia. (2) Produção no estúdio de fotografia da Unipampa Campus São Borja. (3) Produção de fotografias de paisagem em lugares externos ao campus. (4) Promoção da cidadania através do olhar sobre o cotidiano com a realização de ações que visem a aproximação da comunidade à instituição com a escolha de um ou mais grupos que possuem certa invisibilidade social para produção de fotografias.

O corpo discente passa pela formação nos componentes curriculares do curso de Publicidade e Propaganda (ensino), estudo e análise das fotografias (pesquisa) e produções fotográficas (extensão).

Neste artigo duas ações serão privilegiadas:

A primeira chamada “Um convite às cores da imaginação” que retratou oito pessoas com deficiência que frequentam à APAE da cidade de São Borja no Rio Grande do Sul. Esta ação de extensão está sendo realizada pelos integrantes do NEPFOTU composto por nove discentes do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa<sup>4</sup>. Cada integrante ficou responsável pelas fotografias, sob a orientação docente e apoio das/dos demais integrantes do núcleo, de uma ou duas pessoas escolhidas previamente pela APAE.

---

<sup>4</sup> Discentes integrantes do NEPFOTU 2016: Bruna Pazdziora (bolsista pesquisa), Bruna Tonial (bolsista ensino), Larissa Thomas, Marília Maia, Marta Mendes, Mauricio Neves (bolsista), Raquel Sabóia, Rodrigo Scherma e Vinícius Andrade (bolsista extensão). Orientação professora Dra. Denise Silva. Esta ação ainda está em andamento.

A segunda vincula um componente curricular obrigatório do curso citado acima ao projeto de extensão do NEPFOTU. Este componente é denominado “Projeto de Extensão em Comunicação”, que entende que os diversos conhecimentos da área de Comunicação têm o potencial de contribuir socialmente com ações que busquem a inserção na comunidade, integrando o Eixo temático do currículo do curso de Publicidade e Propaganda chamado Sociais e Humanidades. O grupo foi formado por cinco alunas do sétimo semestre e elaborou o Projeto “Padrões não representam: identidade sexual não tem cara” sob a orientação docente<sup>5</sup> que retratou jovens de diferentes orientações sexuais para fazerem parte de uma exposição que questionava a comunidade sobre os pré-conceitos que existem com relação à identificação das pessoas a partir de sua aparência física.

### **Um convite às cores da imaginação**

Ao ficarmos sem saber como tratar as pessoas com deficiência, deparamo-nos com um certo estranhamento, um desconforto gerado por situações que não fazem parte do nosso cotidiano. Estes momentos podem resultar, muitas vezes, em formas preconceituosas de agir, devido ao nosso desconhecimento sobre o assunto. Já passamos por várias terminologias para nos referirmos a estas pessoas, como portadora de deficiência ou com necessidades especiais, até termos com sentido depreciativo, como incapaz, mongol, retardado, defeituoso, entre outros. No próprio nome da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), criado em 1954, percebemos este fato. Hoje, o termo mais adequado é “Pessoa com Deficiência”. Cabe lembrar que a deficiência é algo permanente que pode ter surgido durante a gestação, no parto ou em função de algum acidente ou doença, não é transitória como uma doença. O importante, segundo organizações que procuram uma sociedade mais inclusiva, é privilegiar o ser humano acima de suas condições físicas, sensoriais ou intelectuais.

A força do significado das palavras exerce um poder simbólico no sentido de Bourdieu (2004) muito aparente no nosso cotidiano, principalmente no que se refere à cidadania, pois ao mesmo tempo em que permite uma aproximação, pode nos afastar totalmente das pessoas e ainda criar dois mundos, um onde estão os socialmente aceitos e outro com os demais, com os excluídos deste fechado círculo social e por isso à margem da sociedade. Assim, a linguagem pode ser tanto includente como excludente tanto se for

---

<sup>5</sup> Discentes: Alexia Antelo, Bruna Souza, Gabriela Vargas, Julia Martins e Simone Munir. Orientação professora Dra. Denise Silva.

expressa de forma voluntária ou mesmo involuntariamente, por isso o processo de uma sociedade inclusiva passa pelo cuidado com as palavras.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”. (BOURDIEU, 2004, p. 11).

O poder das palavras e das palavras de ordem, afirma Bourdieu (2004, p. 15), tem sua força na crença da sua legitimidade e de quem as pronuncia.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 2004, p. 14).

Outra questão importante é que a legislação atual esclareceu de forma mais objetiva os direitos destes/as cidadãos/ãs. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Lei 13.146 (6/07/2015), é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”, como elencado no seu artigo primeiro. Esta lei considera a pessoa com deficiência, em seu artigo segundo, “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”. Outro artigo relevante é o quarto, o qual afirma que “toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades como as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação”.

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas. (Lei 13.146/2015, art. 4º).

O art. 84 estabelece que “a pessoa com deficiência tem assegurado o direito ao exercício de sua capacidade legal em igualdade de condições com as demais pessoas”. No Título II, estão dispostos os artigos que tratam dos crimes e das infrações administrativas no não cumprimento desta lei. Mas, infelizmente, não basta apenas termos uma legislação

sobre o tema. É necessário garantir as reais condições de participação destas pessoas na sociedade seja no trânsito, em uma festa, na escola, em todo lugar que podem acessar como qualquer pessoa sem deficiência.

O objetivo da ação “Um convite às cores da imaginação” foi apresentar pessoas com deficiência por meio de imagens positivas, aumentando com isso a autoestima das mesmas e rompendo com padrões de imagens socialmente aceitos de normalidade, ao fazer os demais sujeitos terem um outro olhar através das exposições que serão realizadas na cidade. Das onze selecionadas, oito compareceram às sessões de fotos, uma com múltiplas deficiências (intelectual, física e sensorial), uma cadeirante com paralisia cerebral, duas com deficiência intelectual, duas com problemas cognitivos e motor, e três com síndrome de *down*. O tema desta produção está ligado à alegria e à fantasia, saturando as cores na edição (pós-produção). As fotografias foram realizadas no estúdio da universidade com acompanhamento das mães no início de julho de 2016. Cada estudante realizou a montagem de cenários a partir do tema escolhido.

Entre os meses de julho e agosto as imagens serão editadas e no final de agosto, em um Seminário da APAE, será realizada a primeira exposição das fotografias<sup>6</sup>. Em setembro será no campus da universidade. Pretendemos fazer outras exposições na cidade durante o ano, para tornar estas pessoas mais visíveis e reafirmar que elas também são pertencentes a uma vida pública, pois, como afirma Arendt (1997), o sujeito que vive uma vida privada está em privação dos demais sujeitos sociais e de coisas essenciais à vida humana, uma vez que se não é visto pelos outros é como se não existisse, por isso não interessa a ninguém. Esta visibilidade faz com que o poder se torne relacional e gerado através da comunicação. Conforme a autora, “para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade” (ARENDDT, 1997, p. 59). O apareço, logo existo (SILVA, 2008).

Cabe ainda citar alguns ensaios fotográficos realizados neste mesmo sentido e que inspiraram o nosso trabalho. Recentemente, o fotógrafo Sean Goldthorpe em parceria com a organização britânica “*People Dancing*”, criou um projeto no qual ele recria grandes cenas do cinema, tendo como personagens pessoas que têm alguma deficiência, a fim de mudar a percepção sobre a dança e as deficiências usando cenas positivas. A série de fotografias é intitulada “*11 Million Reasons*” e foi feita com pessoas com deficiências intelectuais, auditivas, visuais e motoras (REDE TV, 2016).

---

<sup>6</sup> Como o projeto está em andamento, em setembro será possível apresentar no GP as primeiras impressões das sessões de fotografias.

Um ensaio fotográfico “MacroAmor” feito por Joelson Souza em Pernambuco no início deste ano mostra mães e pais com bebês que nasceram com microcefalia, enfatizando os laços afetivos. O ensaio foi feito com mulheres da ONG do Recife UMA (União de Mães de Anjos) que fornece apoio às famílias nestas condições, com a finalidade de incentivar as pessoas a olharem estas crianças com naturalidade (UOL, 2016).

O publicitário João Fábio Matheasi fotografou 17 pessoas com deficiências físicas e mentais de unidades da APAE de Minas Gerais. Nestas imagens, elas estavam realizando seus sonhos, como andar na chuva, ser médico, casar, etc. O projeto foi chamado “Realizando sonhos” e foi inspirado no ensaio fotográfico “*Le Petit Prince*” do esloveno Matej Peljhan (CHEREN, 2014). Neste ensaio de 2013, Peljhan faz fotos de um menino de 12 anos com distrofia muscular que não consegue comer sozinho, mas é retratado em um mundo imaginário onde pode nadar, subir escadas, entre outras coisas (UOL, 2013). O esloveno também tem deficiências físicas causadas por um grave acidente ao ser atingido por explosivos oriundos da Segunda Guerra Mundial. Ele é co-fundador do “*Institute for phototherapy*” na Eslovênia (PELJHAN, 2016).

O importante neste trabalho foi o que aconteceu com o grupo de discentes. Por isso, permito um relato em primeira pessoa. Eu contatei a direção da APAE e após uma primeira reunião, fizemos uma segunda entre o grupo, as mães e a direção na própria instituição. Quando a mesma acabou, ficamos no pátio da escola durante o intervalo das aulas e meu grupo ficou um pouco retraído, sem saber como falar com as pessoas. Elas que se aproximavam e perguntavam o que estávamos fazendo ali. Assim começou a interação e a quebra de pré-conceitos. Devido ao fato de ficarem sem saber ao certo como agir, pedi o apoio de uma psicóloga para realizar uma conversa com eles/as. Neste momento, que antecedeu a produção fotográfica, o grupo pode esclarecer suas dúvidas sobre a forma de tratamento e como fazer uma aproximação com pessoas com deficiência. Entretanto, o que aconteceu, não foi o que o grupo imaginava, pois o carinho destas pessoas e a forma com que se mostraram disponíveis, interessadas e compenetradas nas atividades os/as deixou surpresos/as e ao mesmo tempo ficaram tranquilos/as. Depois de realizadas as sessões de fotos nos três dias, os comentários eram: “Nossa, foi tão fácil!”, “Eu estava tensa, mais foi bem legal, deu tudo certo!”, “Eu pensei que ia ser um trabalho pesado, mas foi tão leve!”. O processo foi o inverso do que esperavam e, por isso, aparece a pergunta (com a resposta óbvia): quem fez o bem a quem?

### **Padrões não representam: identidade sexual não tem cara**

Como lembra Bourdieu, é necessário saber descobrir o poder onde ele se deixa ver menos, o poder simbólico, “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2004, p. 8-9). Dessa forma, “nesta tradição idealista, a objetividade do sentido do mundo define-se pela concordância das subjetividades estruturantes (senso = consenso)” (BOURDIEU, 2004, p.8). Para ele, o poder simbólico é legitimado por outras formas de poder. A destruição deste poder está ligada à tomada de consciência do arbitrário, à revelação da verdade objetiva e o aniquilamento da crença. O discurso heterodoxo destrói o que se entende por verdadeiro, as falsas evidências da ortodoxia (ordem estabelecida como natural), descerrando o poder de subversão e mobilização, um poder potencial das classes dominadas.

Por isso, torna-se importante questionar certas formas de ver, o *habitus*, que obedecem a um padrão pré-estabelecido de quem pode ser aceito socialmente, para conseguirmos com que todo indivíduo possa gozar de seus direitos. O *habitus*, como conceitua Bourdieu (2004, p. 61) é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital, ele indica uma disposição incorporada, quase postural, que deve ser rompida.

Neste sentido, esta ação procurou desconstruir o fato de que possam existir padrões estéticos pré-estabelecidos socialmente segundo a orientação sexual de um indivíduo. A sexualidade é algo intrínseco ao ser humano que se manifesta desde seu nascimento e sua identidade de gênero vai se construindo conforme a criança vai crescendo e compreendendo seu lugar no mundo. Ninguém pode definir quem alguém vai desejar ou não, além da própria pessoa. Por isso é que se torna fundamental propiciar espaços de discussão sobre o respeito à diversidade sexual e à pluralidade de concepções.

O grupo contatou pessoas que aceitaram serem fotografadas nas ruas da cidade. Ao todo, 13 jovens de diferentes orientações sexuais participaram da sessão de fotos nos locais escolhidos durante o dia. Após a produção, foram realizados pequenos ajustes de edição nas imagens e impressas no tamanho 20 X 30 cm para a realização das exposições. A montagem da exposição iniciava com a pergunta “Você acha que consegue apontar a orientação sexual dessas pessoas?”. Em seguida apareciam as imagens e logo abaixo a frase: “Se sim, repense! Identidade sexual não tem cara.”. Ao todo foram três exposições: uma foi realizada na própria universidade, outras em duas praças centrais da cidade. Havia um livro para as pessoas registrarem suas impressões sobre a mostra. Os registros



continham apoios e elogios, as críticas eram verbalizadas e não escritas. Vale destacar algumas falas: a de um senhor que achou difícil aceitar a situação, mas olhou todas as fotografias e não identificou diferença; de uma senhora, feirante da praça, que afirmou mudar sua forma de pensar depois que a sua filha entrou na universidade e trouxe outras ideias para dentro de casa; a de universitários/as que apontavam e afirmavam que sabiam qual era a orientação sexual de algumas pessoas, subvertendo a intenção do projeto e provocando a necessidade da realização de um trabalho ainda maior de reflexão sobre este tema dentro da própria universidade, embora tenha sido ação de duas ou três pessoas.

Como foi dito (Intercom 2014), a relação entre as dimensões ética e estética contribui para a revisão de conceitos estéticos pré-estabelecidos, percebendo as diferenças de culturas e os valores interiorizados nos contextos cotidianos. Habermas defende que a experiência estética não está separada da ética (expectativas normativas) e das interpretações cognitivas; são campos que se interpenetram e favorecem a intersubjetividade expressiva. Ele afirma que no domínio da crítica estética é que se toma consciência do problema de uma fundamentação da modernidade a partir de si mesma (HABERMAS, 2000, p. 13).

A experiência estética não renova apenas as interpretações das necessidades, à luz das quais percebemos o mundo; interfere, ao mesmo tempo, também nas explicações cognitivas e expectativas normativas, modificando a maneira como todos esses momentos remetem uns aos outros. (HABERMAS, 1992, p. 119).

A importância da experiência estética se aproximando dos elementos éticos, da formação e do exercício da ética, legitima a crítica aos padrões estéticos estabelecidos entre os gêneros. O ser humano torna-se responsável pelo estabelecimento de leis e costumes quando produz esteticamente um estilo de vida. A ética se insere nesta construção quando os agentes do processo de criação dispõem de liberdade e autonomia, evidenciando uma relação na qual os elementos estéticos são fundamentais para o julgamento moral (Intercom 2014).

Estes padrões estéticos viriam do pensamento binário Homem X Mulher, Feminino X Masculino, que oprimem as singularidades humanas que não se enquadram neste cenário de bipolaridade excludente. Como já foi escrito (SILVA, 2013), dentro desta complexa relação social, a cultura atua como o elemento de mediação mais importante, concordando com Martín-Barbero (2000). Ela baliza as nossas percepções sobre as coisas da vida e assim nos fornece argumentos para construirmos nossa forma de pensar. As relações de gênero, dentro deste processo, são geradas e aceitas como formas tipicamente masculinas e formas

tipicamente femininas de agir que, entretanto, estão dissociadas do fato de ser homem ou de ser mulher. O que se acredita de fato é que a cultura feminina e a cultura masculina se integram para formar o todo, como o yin yang, polos complementares do Tao.

Cabe lembrar que, neste sentido, cultura não tem nada a ver com uma visão estreita de sexualidade e que tanto a feminina quanto a masculina podem estar integradas em uma mesma pessoa. Isso é como se atingíssemos o auge do respeito à alteridade, à aceitação das diferenças entre as pessoas observando os princípios de equidade. Ambas as culturas coexistem em um mesmo indivíduo, portanto, não há como concordar que haja características próprias atribuídas ao sexo, catalogando-as em duas colunas estáticas: os homens são de determinada maneira e as mulheres de outra. Se existem muitas diferenças entre ser mulher e ser homem, existem ainda as diferenças entre as mulheres e entre os homens. Todas as relações de gênero são dinâmicas e podem ser complementares, mas não hierarquizadas. (SILVA, 2013, p. 11).

Judith Butler (2003) vai além desta disposição binária sobre os padrões sociais esperados de cada sexo, pois eles seriam construções discursivas entre as quais não haveria diferença, os corpos devem ser livres do discurso do qual são constituídos. Embora, existam algumas questões perturbadoras na forma de pensar desta autora, podemos concordar que cabe questionar não somente o fato de ser homem ou ser mulher, mas o que significa o verbo “ser” quando alguém afirma que “sou” ou “não sou”. Algo que ela chama de privilégio ontológico de um ser contra o ser de outro, defendendo todas aquelas pessoas que não se enquadram nos discursos dualistas e, inclusive, para além da sexualidade, quem não se encaixa no padrão do homem branco europeu. Exatamente neste contexto que podemos inserir este projeto, quando os indivíduos são provocados a rever suas formas de pensar sobre em que consiste a diferença, uma vez que nesta forma de aparente semelhança, somos tratados de modo desigual.

### **A fotografia como imagem paradigmática**

Toda sociedade sabe que a comunicação é a condição principal para a sua existência. Ela estabelece uma ligação entre as pessoas, um vínculo, um laço. Os meios se tornam uma janela para o mundo por onde perpassa a mensagem, a informação, numa via de mão dupla onde operam situações de dar e receber. Ela é a grande responsável pelo acesso à informação, uma vez que a partir dela podemos estar cientes dos acontecimentos. Assim, fatos antes relegados ao espaço privado, ganham notoriedade e se tornam públicos através de um dispositivo midiático, a fotografia, que é o mecanismo técnico pelo qual a comunicação baseada numa relação de permutação e interação que estabelece conexões entre os sujeitos num espaço privado transcende este espaço, sendo-lhe conferido um status

de público. Dentro dessa concepção, podemos inferir que a comunicação mediada por um aparato tecnológico que envolve os usos sociais na construção de sentido implica em processos que são mediados (SILVA, 2008).

No que tange à fotografia, Flusser lembra que ela foi a primeira imagem criada a partir da manipulação técnica. Para ele, as imagens tradicionais, sem o auxílio técnico, imaginam o mundo, já as imagens técnicas procuram imaginar textos que concebem imagens que imaginam o mundo (FLUSSER, 1985, p. 19). A fotografia representa este registro perspectivista que consiste em inscrever o fluxo espontâneo, ou mesmo encenado, das imagens, como uma tentativa de se retirar um acontecimento do fluxo temporal e exaltar um momento que pudesse sintetizar toda a significação de um acontecimento vivido (FLUSSER, 1985, p. 43).

Quando um meio técnico serve de suporte para a exibição de imagens, a própria natureza destas imagens se transforma e, conseqüentemente, desperta um novo olhar, um novo modo de perceber o mundo. Arendt (1997) afirma que esse mundo comum é o caráter público da esfera pública que só sobrevive se tem uma presença pública, se permite ser visto de várias perspectivas e sob vários aspectos, e isso depende do seu sentido de “permanência” que é responsável por estabelecer a ligação entre os seres humanos no passado, no presente e no futuro. Nestas ações, as fotos permitiram estes desdobramentos.

Com o surgimento da fotografia, iniciou-se uma nova forma de olhar a imagem, uma nova ética da visão, como afirma Sontag. As relações entre os seres humanos no mundo passam a ser mediadas pelas imagens, mas não mais meras imagens da verdade no sentido platônico, pois a fotografia não é como a pintura, apenas uma imagem, uma interpretação do real, “é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária (...) um vestígio material do seu tema, de um modo que nenhuma pintura pode ser” (SONTAG, 2004, p. 170). Neste sentido, vale recordar Barthes quando afirma que a foto-retrato pode nos permitir quatro imaginários que se cruzam, se afrontam e se deformam: “Sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte” (BARTHES, 1984, p. 27).

A informação visual propiciou o conhecimento de si mesmo através do olhar do outro, assim como o conhecimento do outro por meio do olhar de si.

A importância da fotografia não reside portanto apenas no facto de ela ser apenas uma criação, mas sobretudo no facto de ela ser um dos meios mais eficazes de conformar as nossas idéias e de influenciar o nosso comportamento. (...) A imagem responde à necessidade cada vez mais urgente, por parte do homem [ser humano] de

dar uma expressão à sua individualidade. Hoje, e apesar dos aperfeiçoamentos incessantemente crescentes da vida material, o homem [ser humano] sente-se cada vez menos implicado no jogo dos acontecimentos, relegado para um papel cada vez mais passivo. Fazer fotos parece-lhe ser uma exteriorização de seus sentimentos, uma espécie de criação. (FREUND, 1995, p. 20-21).

Esta característica da fotografia de ser capaz de influir diretamente nas nossas ideias faz com que estes dois trabalhos encontrem relevância social. No primeiro, sabemos que a inclusão das pessoas com deficiência no cotidiano é fundamental para naturalizar sua presença nos mais diversos locais, fazendo com que aquele estranhamento inicial se dissipe<sup>7</sup>. Da mesma forma, no segundo questionamos os padrões estabelecidos do que é permitido para um determinado gênero e introduzimos o conflito ao problematizar os conceitos alicerçados na sociedade. Assim, contrariamos o poder simbólico que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*, que Bourdieu (2004) diz ser o sentido imediato do mundo social, superando o conformismo lógico, apontado por Durkheim, de uma certa homogeneidade das relações. Com isso, a solidariedade social se afirma enquanto participante de um sistema simbólico, designando a função social do simbolismo, uma vez que os símbolos são instrumentos por excelência da integração social (de conhecimento e de comunicação), tornando possível desconstruir “o *consensus* acerca do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da lógica social” (BOURDIEU, 2004, p. 9-10).

Para isso, é importante compreender a cidadania vinculada às relações sociais. Muito aproximado ao conceito de Mouffe (2012) de democracia radical e plural, de um sujeito cidadão que convive com distintos projetos e identidades democráticas, reconhecendo a dimensão conflitiva da sociedade democrática pluralista. A identidade tanto a individual quanto a coletiva vai se complexificando ao voltar-se para o plural, e, conseqüentemente, as sociedades são estruturadas conforme a ordem social e política.

A mi modo de ver, la democracia requiere trazar la distinción nosotros-ellos, de modo que sea compatible con el reconocimiento del pluralismo constitutivo de la democracia moderna. Esa, me parece, es la tarea principal a la cual tenemos que confrontarnos: cómo crear y formar identidades políticas que son siempre de tipo colectivo, de manera que sea congruente con el pluralismo. (MOUFFE, 2012, p. 02).

Neste sentido, a importância da imagem fotográfica para retratar pessoas que tem pouca visibilidade social, bem como pelo fato de permitir questionar conceitos arraigados ao desconstruir rótulos que são colocados nas pessoas e que seriam capazes de identificar

---

<sup>7</sup> Não serão discutidos os méritos e prejuízos sobre a inclusão das pessoas com deficiência nas classes regulares ou a manutenção das APAE. Este assunto merece uma análise mais cautelosa e aprofundada.

sua forma de pensar ou de agir, levando à discriminação, torna-se evidente. Esta reflexão possibilita reconhecer um mundo plural, composto por pessoas diferentes com opiniões contraditórias dentro das complexas relações sociais, mas que podem viver juntas.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 8.ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7.ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2004.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero** : feminismo como subversão da identidade. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2003.

CHEREM, Carlos Eduardo. **Publicitário mineiro fotografa pessoas com deficiência "realizando sonhos"**. UOL Notícias Ciência e Saúde. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/saude/album/2014/07/07/deficientes-fisicos-e-mentais-realizam-sonhos-em-sessao-de-fotos.htm#fotoNav=1>>. Publicado em 07/07/2014. Acessado em 03/07/2016 às 01h15min (GMT -3).

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo : Hucitec, 1985.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1995.

MOUFFE, Chantal. Alteridades y subjetividades en las ciudadanías contemporáneas. **Diálogos de la Comunicación**. Felafacs, 2012. Disponível em < . Acessado em

PELJHAN, Matej. **Biography**. Disponível em <<http://mate.1x.com/biography>>. Acessado em 03/07/2016 às 02h12min (GMT -3).

REDE TV. **Fotógrafo recria cenas clássicas com pessoas com deficiência**. Disponível em <<http://www.redeTV.uol.com.br/jornalismo/da-para-acreditar/fotografo-recria-cenas-classicas-com-pessoas-com-deficiencia>>. Publicado em 02/07/2016. Acessado em 02/07/2016 às 21h09min (GMT -3).

SILVA, Denise T. da. **A fotografia publicitária de moda e a glamourização da violência contra a mulher**. São Borja : Faith, 2013.

SILVA, Denise T. da. Contributos éticos e estéticos para refletir sobre a glamourização da violência contra a mulher na publicidade e na moda. In: XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 37, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2444-1.pdf>>. Acessado em 14/07/2016 às 20h07 min (GMT -3).

SILVA, Denise T. da. **Fotografias que revelam imagens da imigração: pertencimento e gênero como faces identitárias**. Tese de doutorado. São Leopoldo : PPGCC/Unisinos, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho** : uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis : Vozes, 2002.

UOL Notícias Ciência e Saúde. **Ensaio fotográfico cria mundo de possibilidades a menino com distrofia.** Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2013/04/18/ensaio-fotografico-cria-mundo-de-possibilidades-a-menino-com-distrofia.htm>>. Publicado em 18/04/2013. Acessado em 03/07/2016 às 01h42min (GMT -3).

UOL Notícias Ciência e Saúde. **MacroAmor: ensaio fotográfico mostra amor entre pais e bebês com microcefalia.** Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/saude/album/2016/07/01/ensaio-fotografico-mostra-amor-entre-pais-e-bebes-com-microcefalia.htm#fotoNav=1>>. Publicado em 01/07/2016. Acessado em 03/07/2016 às 01h25min (GMT -3).